

Personalidades

ROBERTO
DE MESQUITA



Apesar de ter vivido quase sempre na Ilha das Flores – com curtas estadias nas ilhas Terceira, Faial, Pico e Corvo, e uma única viagem de poucos meses a Portugal continental –, e de ter publicado um único livro, *Almas Cativas* (expressão retirada do último verso do soneto I do poema “Redenção”, de Antero de Quental), saído postumamente (1931), o poeta ROBERTO DE MESQUITA (1871-1923) é um dos nomes mais notáveis da poesia simbolista portuguesa: segundo Vitorino Nemésio, que pela primeira vez chamou a atenção para a sua poesia, «Roberto de Mesquita pede um lugar importante no simbolismo português, ao lado dos seus príncipes, que não devem ficar envergonhados por não ser companhia retumbante (António Nobre, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro), e que é o primeiro poeta que exprime alguma coisa de essencial na condição humana tal como ela se apresenta nas ilhas dos Açores» (NEMÉSIO, 1939).

Nascido em Santa Cruz das Flores, de uma família da pequena aristocracia local, Roberto de Mesquita não pôde prosseguir estudos além dos liceais, que completou no Liceu da Horta, porque os pais não tinham meios para sustentar dois filhos a estudar no continente: o irmão mais velho, Carlos de Mesquita, poeta de mérito, já se encontrava em Coimbra a frequentar a Universidade. Conformado, o jovem Roberto de Mesquita regressou à sua ilha natal, onde exerceu, com alguma intermitência geográfica, a profissão de escrivão da Fazenda em Santa Cruz e nas Lajes e, também, em S. Roque do Pico e no Corvo. Entretanto, através do irmão Carlos, professor em Viseu, foi mantendo contacto com o que se passava nos meios literários português e europeu, e foi compondo a sua obra poética que, embora pequena – um livro de poesia e cerca de duas dezenas de poemas publicados dispersos em jornais e revistas locais (Santa Cruz, Horta e Ponta Delgada) e também nacionais (A Ilustração Portuguesa, de Lisboa, Ave Azul, de Viseu, e Os Novos, revista simbolista de Coimbra) – veio ocupar, depois de divulgada por Vitorino Nemésio e, mais tarde, por Pedro da Silveira e Jacinto do Prado Coelho, um lugar de primeira ordem na corrente simbolista portuguesa.

Roberto de Mesquita exerceu a sua profissão de funcionário público de um modo desmotivado, a ponto de ter sofrido um castigo (transferência compulsiva para a ilha do Corvo, nos anos de 1912-1913) e um processo disciplinar por falta de zelo profissional (1915), o que não será de admirar se tivermos em conta a secura de uma profissão administrativa e burocrática, que lhe servia exclusivamente como ganha-pão, face à grande sensibilidade de um poeta que, sem quase sair da pequena e isolada ilha das Flores, conseguiu acompanhar o que de melhor se ia produzindo, em Portugal e na Europa, na poesia parnasiana e simbolista – a que deu um precioso contributo. Jacinto do Prado Coelho afirma mesmo que «no isolamento das Flores, o poeta em muitos aspetos se integrou perfeitamente no “clima” do simbolismo francês – como se não saísse de casa» – acrescentando que, na sua poesia, «vinculadas à ilha remota, paisagens e estados de alma, tantas vezes de cunho verlainiano, são tipicamente simbolistas também: o entardecer, o Outono, a névoa, a chuva, tédio, melancolia, soluços esparsos, nostalgia, langor», e que um outro «recanto verlainiano de Roberto de Mesquita, onde transparece a influência das Fêtes Galantes, é a nostalgia dos tempos abolidos, com seu fulgor aristocrático, suas “elegâncias idas”, “modas defuntas”, festas de parque ou de salão, minuets, bailes de máscaras, arlequins e pierrots; o encanto melancólico dos velhos álbuns, das casas abandonadas ou em ruínas, das pedras musgosas. O poeta evade-se no passado, “respira” romances e baladas, sonha» (Coelho, 1973).

Sem vida social que se conheça, infeliz no amor – em 1907 cancelou um casamento já aprazado com aquela que, ao que se diz, terá sido o seu grande amor (e que viria a morrer solteira depois de ter vestido luto pela morte dele...), vindo a casar-se, no ano seguinte, com D. Maria Alice Lopes, naquele que foi tido como um casamento de circunstância, sem entendimento nem procriação –, militar frustrado, republicano, vereador municipal substituto, praticante de Espiritismo, Roberto de Mesquita legou-nos uma vida que é, na sua essência, a sua poesia. Tão só, e tão muito.

Um dos mais puros poetas simbolistas portugueses faleceu recitando versos em português e em francês – desconhece-se quais ou de quem – no último dia de 1923, indo a sepultar no primeiro de 1924 ao som de uma marcha fúnebre tocada pela Filarmónica União Musical Florentina, de que fora primeiro-clarinete.

Bibliografia:

COELHO, Jacinto do Prado (1973). “Roberto de Mesquita e o Simbolismo”, prefácio a SILVEIRA (1973).

NEMÉSIO, Vitorino (1939). “O Poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”. Coimbra: Revista de Portugal, vol. II, 6, janeiro de 1939, pp. 246-261. Reeditado em Conhecimento de Poesia. Salvador: Universidade da Bahia, 1958; Lisboa: Editorial Verbo, 1970, pp. 131-149.

SILVEIRA, Pedro da (1973). Roberto de Mesquita, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*. Fixação do texto, recolha de dispersos e notas de (...), com prefácio de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Edições Ática.

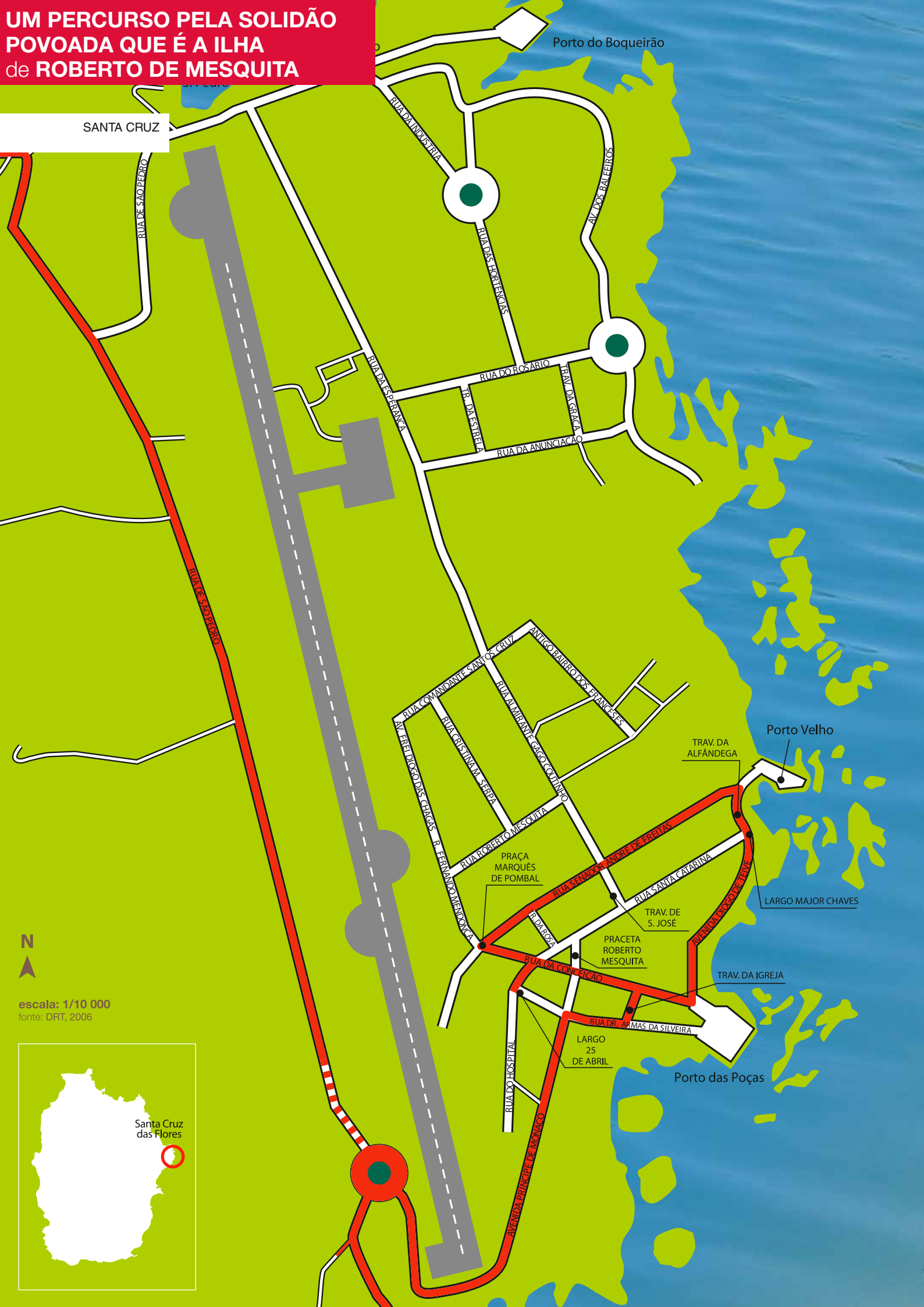
Para a definição dos percursos deste Roteiro, contou-se com a indispensável colaboração de

Luís Filipe Noia Gomes Vieira, Diretor do Museu das Flores

Nota: os textos citados respeitam a grafia anterior ao Acordo Ortográfico.



UM PERCURSO PELA SOLIDÃO POVOADA QUE É A ILHA de ROBERTO DE MESQUITA



SANTA CRUZ

Porto do Boqueirão

Porto Velho

LARGO MAJOR CHAVES

Porto das Poças

Santa Cruz
das Flores

«Tomo aqui a palavra “isolamento” no seu sentido etimológico: solidão de ilha. Um homem numa rocha e em volta o mar. Foi nesta equação que naturalmente se encontrou o poeta Roberto de Mesquita, de quem decerto nenhum dos bons conhecedores de poesia portuguesa ouviu falar, pela simples razão de que o único livro que deixou, *Almas Cativas*, foi pobremente publicado em 1931 num opúsculo de capa cor-de-rosa, em papel amarelento e tipo gasto, sem sedução nenhuma. (...) E não só por isso; também porque Portugal deixa correr a enxurrada dos seus livros de versos sem qualquer aparelho para filtrar poesia. Ainda se a moda ajuda, se o autor sabe lançar o seu produto, se uma roda sincera ou snob se forma, bem! Mas como é que tais coisas haviam de tocar a este escrivão de Fazenda da ilha das Flores, que morreu inédito, e passou uma vida inteira (...) a fumar, de bengala aos ombros, à borda do Gulf-Stream (...).»

Vitorino Nemésio

É aqui que vamos iniciar o nosso percurso pelas Flores de Roberto de Mesquita. O convento franciscano de São Boaventura foi fundado em 1651, e alberga atualmente o **Museu das Flores**. No seu interior, pode-se admirar a elegante singeleza do



2 Claustro que poderá ter inspirado o soneto “Melancolia” de Roberto de Mesquita

MELANCOLIA

Entrei no claustro: a fonte, como dantes,
Na bacia de mármore cantava
– Mas um vasto silêncio amortalhava
O triste casarão sem habitantes.

Irrompiam do solo, vicejantes,
Flores silvestres, musgos, erva brava.
Esse convento morto transportava
Meu espírito a épocas distantes.

«Bons monges, acordai!», com voz plangente
Exclamo então no claustro adormecido,
Que os séculos ungiam de tristeza.

Porém o meu apelo veemente
Só responde, num salmo dolorido,
A aflita voz do vento que ali reza...

SANTA CRUZ – Início do percurso a pé

1 Convento de São Boaventura



MELANCOLIA

Entrei no claustro. A fonte, como dantes,
Na bacia de mármore cantava.
Mas um vasto silêncio amortalhava
O triste casarão sem habitantes.

Irrompiam do solo, vicejantes,
Flores silvestres, musgos, erva brava.
Esse convento morto transportava
Meu espírito a épocas distantes.

«Bons monges acordai! Com voz plangente
Exclamo então no claustro adormecido,
Que os séculos ungiam de tristeza.

Porém ao meu apelo veemente
Só responde, num salmo dolorido,
A aflita voz do vento que ali reza...

Partindo do **Largo 25 de Abril**, fronteiro ao Convento, seguir em direção à **Rua da Conceição**, onde se encontra a



3 Casa onde viveu, escreveu e morreu Roberto de Mesquita

TORRE DUM MAGO

Ergue-se a casa triste aonde eu moro
Entre casitas brancas e singelas
Que abrem por esta Primavera de ouro,
Quais deslumbrados olhos, as janelas.

Só o meu prédio é fechado e mudo na estrada;
Toda a gente lhe chama a casa abandonada.

As janelas das casas a meu lado
Bebem da vida a estranha sinfonia:
Gritos de dor, cantigas de alegria,
Sinos a enterro e sinos a noivado.

Só o meu prédio não tem janelas para a vida;
Toda a gente lhe chama a casa adormecida.

Vêm-se as mais habitações a olhar,
Por este sol de Abril almo e fagueiro,
A multidão dos que andam a lidar
Como um laborioso formigueiro.

Mas o meu prédio só recebe a claridade
Por uma claraboia aberta no telhado
Donde apenas se avista o azul da imensidade
Remoto e aveludado...

A vasta igreja dum convento abandonado,
Os velhos oiros, os vitrais, a arquitectura,
Falam às almas como um salmo levantado
Na solene mudez da vasta nave escura.

Ungido dum silêncio ascético, sagrado,
O velho templo em um ar meditativo,
Um ar absorto de vidente primitivo
Numa visão extraterrestre mergulhado...

Uma crepuscular penumbra permanente
Empana as formas; e no plácido ambiente,
Onde jazem não sei que perfumes vetustos,

Minha alma como que respira as lendas santas
De monjas medievais, de místicas infantas
Adormecidas nos sarcófagos augustos...

De seguida, descer a mesma rua, até à



4 Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, onde Roberto de Mesquita foi batizado

Continuando a descer a mesma rua,
passar pelo



5 Porto das Poças, de onde partem os barcos para o Corvo

Seguir pela esquerda, pela **Avenida Diogo de Teive**, junto ao mar, voltar à esquerda na **Rua Senador André de Freitas** e subi-la até à **Praça Marquês de Pombal**, onde se encontra a



6 Casa do Espírito Santo



Anúncio no jornal *A Seara*, n.º 1, de 27 de maio de 1917. Trata-se de uma brincadeira alusiva ao hábito de Roberto de Mesquita passar aqui longas horas de conversa com os amigos e conhecidos

Regressar ao **Largo 25 de Abril**, frente ao **Convento de São Boaventura**.

Início do percurso em viatura

Partindo do **Largo 25 de Abril**, descer a **Rua da Conceição**, virar à direita na **Travessa da Igreja**, subir a **Rua Dr. Armas da Silveira** e virar à esquerda na **Avenida Príncipe de Mónaco**. Seguir em frente, contornar a cabeça da pista do Aeroporto, e chegar à rotunda. Aí, tomar a segunda saída para a **Estrada Regional 1-2A** e seguir até à **Rua das Flores**, onde se encontra a



7 Casa onde nasceu Roberto de Mesquita e onde viveu até se casar

ABANDONADA

A velha casa onde eu morei outrora
E que de há muito está desabitada,
Silenciosa envolveu-me, ao ver-me agora,
Num triste olhar de amante abandonada.

Com que amargor no íntimo lhe chora
Uma alma sensitiva e ignorada
Que não tem voz para queixar-se, embora
Se veja só, de todos olvidada!

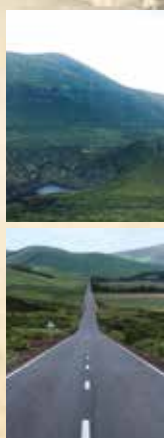
Casa deserta e fria que envelheces
Ao desamparo, sem uma afeição,
Bem sinto que me vês, que me conheces

E relembras os dias que lá vão...
Eu esqueci-te, amiga, e tu pareces
Toda magoada dessa ingratidão...



8 Interior da Ilha

Continuar a estrada até convergir com a **Estrada Municipal** no sentido da **Fajã Grande**, na costa oeste da Ilha, de onde se obtém uma magnífica perspetiva das



9 Cascatas da Ribeira Grande

Campos, ravinas verdejantes, arvoredo
Vestindo os montes como um fofo terciopelo...
A tarde, um sino ao longe erguendo o seu apelo
Ao vespertino azul, fundo como um segredo...

- 1871** **19 de junho:** ROBERTO DE MESQUITA Henriques nasce em Santa Cruz das Flores, oriundo de uma família da pequena aristocracia local. O irmão mais velho, Carlos de Mesquita, nascera a 14 de fevereiro de 1870.
-
- 1878** **Outono:** Matricula-se na escola régia de Santa Cruz.
-
- 1885** **Setembro:** Matricula-se no Liceu de Angra do Heroísmo, onde já se encontrava o irmão Carlos. Começa a interessar-se pela criação literária.
-
- 1886** **Julho:** Não tendo obtido aproveitamento, regressa às Flores.
Outubro: Matricula-se no Liceu da Horta.
-
- 1887** **Junho:** Conclui o 1.º ano do Liceu, com aprovação em todas as disciplinas.
-
- 1890** **1 de março:** Sob o pseudónimo de Raul Montanha, publica o seu primeiro poema, o soneto “Fé”, no jornal O Amigo do Povo, de Santa Cruz das Flores. 4 de junho: publica, no Diário de Anúncios, de Ponta Delgada, o poema “O Último Olhar”.
-
- 1891** **31 de janeiro:** Publica, com o nome Roberto Mesquita, no jornal A Ilha das Flores, o poema “Na Aldeia”.
22 de fevereiro: publica no jornal O Açoriano, da Horta, o poema “Remember”.
26 de abril: publica, no mesmo jornal, o soneto “Doente”.
9 de agosto: publica, em A Ilha das Flores, o soneto “Flor Murcha”.
27 de setembro: publica, em O Açoriano, o poema “Dia Santo”.
8 de novembro: publica, no mesmo jornal, o poema “Crepuscular”. Conclui o 3.º ano liceal. Por dificuldades económicas da família, não consegue frequentar a Escola do Exército, em Lisboa, conforme era seu desejo, e por isso regressa às Flores.
-
- 1892** **1 de fevereiro:** publica, na Revista Faialense, uma primeira versão do poema “Do Livro Alma”. 3 de abril: publica, em O Açoriano, o poema “A Janela do Poeta”.
20 de novembro: publica, no mesmo jornal, o poema “O Missal”.
-
- 1893** **Dezembro:** publica na revista simbolista Os Novos, de Coimbra, o poema “Do Livro Alma”.
-
- 1894** Vai à Horta, para se apresentar à inspeção militar, tendo ficado isento.
-
- 1896** Eleito vereador substituto da Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores.
13 de agosto: aprovado para o lugar de escrivão da Fazenda Pública, é nomeado para o Concelho de Ferreira do Zêzere.
16 de novembro: nomeado para São Roque do Pico, na sequência do pedido de transferência, instalando-se no lugar de Cais do Pico. É iniciado no Espiritismo.
-
- 1898** **2 de abril:** transferido para a repartição da Fazenda Pública de Santa Cruz das Flores. 7 de agosto: publica, no jornal Actualidade, de Ponta Delgada, o poema “Vilancico”.
-
- 1899** **26 de fevereiro:** publica, em Actualidade, o poema “Primavera dos Mortos”.
-
- 1900** **24 de junho:** publica, em O Faialense, da Horta, o soneto “Romanticismo”.
6 de agosto: chefe interino da Repartição da Fazenda nas Lajes das Flores.
19 de agosto: publica, no mesmo jornal, o soneto “Já se em apagam n'alma brilho e cor”.
outubro-novembro: publica o poema “Além...” na revista Ave Azul, de Viseu.
16 de dezembro: publica, no mesmo jornal, o poema “Perante a Face da Noite”.
30 de dezembro: publica, no mesmo jornal, o soneto “Azul de Inverno”.
-
- 1901** **23 de junho:** publica, em O Faialense, o soneto “Mar Largo”. Regressa a Santa Cruz, e posteriormente às Lajes.
-
- 1902** **12 de abril:** nomeado segundo-aspirante da Repartição da Fazenda Pública de Santa Cruz das Flores.
-
- 1904** **17 de fevereiro:** Viaja para Lisboa para se apresentar a concurso de escrivão da Fazenda, sendo aprovado. Desloca-se a Viseu, onde o irmão Carlos é professor, e a Coimbra, onde conhece Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gaio.
5 de abril: morte do pai, António Fernando de Mesquita Henriques.
6 de maio: embarca em Lisboa, de regresso às Flores.
5 de junho: escrivão na Fazenda Pública de Santa Cruz das Flores.

1907	Adere à ideologia republicana.
1908	31 de maio: Casa com Maria Alice Lopes, professora em Santa Cruz, de quem não teve filhos.
1910	Novembro: Membro da comissão instaladora do Partido Republicano Português nas Flores. Interrompe a colaboração em jornais.
1911	29 de novembro: Na sequência de um caso de desvio de dinheiros da Repartição da Fazenda de Santa Cruz, que chefiava, envolvendo um familiar que entretanto se suicidara, e tendo sido considerado como culpado por negligência, é transferido compulsivamente para a ilha do Corvo.
1912	13 de abril: Toma posse como Chefe de Finanças no Corvo.
1913	2 de abril: É empossado como Chefe da Repartição da Fazenda das Lajes das Flores.
1915	É alvo de um processo disciplinar por falta de zelo profissional.
1916	9 de maio: Morte do irmão Carlos de Mesquita, em Viseu.
1917	15 de abril: Subscrive o editorial-programa do jornal de orientação republicana Açoriano Ocidental, de Santa Cruz. 2, 9 de junho: publica neste jornal, sob o pseudónimo Rafael de Mântua, o único artigo conhecido de sua autoria: “Uma Sardinha Intolerante”.
1919	21 de setembro: É transferido para Santa Cruz, como Chefe da Repartição.
1921	Morte da mãe, D. Maria Amélia de Freitas Henriques. 1 de dezembro: Publica em O Arauto, da Horta, o soneto “Igreja Morta”.
1922	11 de março: Com o pseudónimo Diatribe publica, em O Florentino, o soneto satírico “A um Poeta Novo”, o seu derradeiro poema conhecido. 28 de outubro: A revista Ilustração Portuguesa, de Lisboa, publica o soneto “Melancolia”, acompanhado de um retrato do poeta, por ação do jornalista e escritor florentino António Maria de Freitas (Santa Cruz, 1859-Lisboa, 1923), redator-principal do jornal O Século e secretário-geral e diretor de facto da Ilustração.
1923	Novembro: Adoece, com um inchaço no pescoço. 26 de dezembro: entra em estado delirante, recitando a meia-voz poemas em português e francês. 31 de dezembro: morre na sua casa de Santa Cruz das Flores.
1931	O livro Almas Cativas é publicado em Vila Nova de Famalicão, com prefácio de Marcelino Lima, numa pequena e humilde edição promovida pela viúva, Maria Alice Lopes, e pela irmã do poeta, Júlia de Mesquita.
1939	Janeiro: Vitorino Nemésio publica, na Revista de Portugal, o ensaio “O Poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”, que consagra Roberto de Mesquita como um dos poetas de primeira linha do simbolismo português.
1973	Publicação de Almas Cativas e Poemas Dispersos (Lisboa), edição de Pedro da Silveira, com prefácio de Jacinto do Prado Coelho.
1989	Inaugurado um busto do Poeta, em bronze, da autoria do escultor Álvaro Raposo de França, no largo junto à casa onde viveu e morreu, hoje Praceta Roberto de Mesquita.

LAJES DAS FLORES



Seguir até à freguesia da **Fajã Grande**, onde existe a



PEDRO Laureano Mendonça DA SILVEIRA (Fajã Grande, 5 de setembro de 1922 – Lisboa, 13 de abril de 2003), foi um poeta de excelência e grande investigador de questões literárias. Autor de vasta obra literária, a ele se deve a edição integral da poesia de Roberto de Mesquita: *Almas Cativas* e *Poemas Dispersos* (1973).

Descer até ao



11 Porto da Fajã Grande

Regressar pela mesma **Estrada Municipal** até ao ramal que dá acesso à freguesia da **Fajãzinha** onde se pode ver, na **Rua do Pico Redondo**, a



12 Casa onde nasceu o escritor luso-americano Alfred Lewis



Alfred Lewis (1902-1977)



Romancista, contista, poeta e dramaturgo, **Alfred Lewis** – nascido **Alfredo Luís** – emigrou para os Estados Unidos em 1922. Publicou na *Prairie Schooner*, uma revista literária de prestígio nacional, contos que, em dois anos seguidos (1949 e 1950), integraram a antologia *The Best American Short Stories*. De entre as suas obras é de destacar o romance **Home is an Island** (New York: Random House, 1951) que teve recensões nos grandes jornais americanos, inclusive no *New York Times*, que confirmou Alfred Lewis como o escritor emigrante português de maior renome nos Estados Unidos.

Daqui, retomar a **Estrada Municipal**, e depois a **Estrada Regional 1-2A**, na direção **sul**, passando pela

13 Rocha dos Bordões

Enquanto se detém o vosso olhar
À tona dos aspectos, impotente,
No âmago de tudo, claramente,
Eu descobro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar
Os afectos das cousas: a dolente
Nostalgia dum cerro olhando o mar,
A oração das paisagens ao morrente...

Sim, eu respiro como essência estranha
A orfandade que exala uma montanha
Quando o Outono a junca de destroços.

E esses casais, dispersos pelo monte,
Sinto-os pensar, cravando no horizonte
Os seus olhos humanos como os nossos.



Prosseguindo pela mesma estrada até à **Vila das Lajes** onde, na **Rua Roberto de Mesquita**, se pode ver a



14 Casa onde o Poeta morou enquanto viveu e trabalhou nas Lajes

... até se chegar à vista da freguesia de



17 Ponta Delgada, no extremo norte da Ilha...



A Ilha das Flores, n.º 1, 5-10-1901

A Ilha das Flores, n.º 3, 5-11-1901

... e descer até ao



18 Porto de Ponta Delgada...

Seguir pela **Estrada Regional 1-2A**, no sentido **nordeste**, até à **Vila de Santa Cruz**, e prosseguindo sempre na mesma estrada, de onde se obtém



15 Vistas sobre o mar e o Corvo

Na zona da **Tapada da Forcada**, na mesma estrada, pode admirar-se outras



16 Paisagens do interior da Ilha...

... **onde termina o nosso percurso**. A partir daqui, poderá o viajante perder-se nesta solidão povoada que é a Ilha das Flores – e, quem sabe, escutar os ecos da voz de Roberto de Mesquita que por aqui nasceu, viveu e morreu...

EXILADO

Quando a luz vespéral afrouxa no ocidente,
Pondo saudosos tons na tarde de veludo,
E a mística emoção que transparece em tudo
Tem eco no vibrar dum ângelus plangente,

Para o que em terra estranha evoca o lar ausente
Torna-se o exílio então mais opressivo e rudo,
E no seu coração, como um espírito agudo,
Crava-se a nostalgia, agora mais pungente.

Mas ninguém há, como eu, que o seu exílio tenha
Na própria pátria, e sinta essa saudade estranha
Que no meu coração morbidamente avulta

Por vezes, quando à tarde o olhar nolonges ponho:
Saudade dum país mais vago do que um sonho
E que eu nunca hei-de ver, nem sei onde se oculta...

OLHANDO OS LONGES

*Aplacou-se o ardor do dia tropical,
É a tarde dormente um veludoso afago.
Sob o lento fanar do oiro vespéral
Dorme espelhado o mar como um imenso lago.*

*Recortados no céu vermelho do poente
Dois pinheiros num lombo avultam isolados
E parecem olhar os longes, vagamente,
Do mágico esplendor da tarde deslumbrados...*

*Ao vê-los lá no alto extáticos, dir-se-ia
Que as almas lhes penetra essa melancolia
Que vem no fim da tarde ungir a imensidade.*

*Eu creio que os absorve um sonho indefinido,
Que eles cismam, fitando o mar de aço polido,
E um vago para além relembram com saudade...*



produção e coordenação_ Direção Regional da Cultura dos Açores / edição 2014
direção científica e textos_ Luiz Fagundes Duarte, maio 2012
fotografia, conceção e impressão_ Bizex Projectos
capa_ Busto de Roberto de Mesquita, por Alvaro Raposo França (1989)
depósito legal_ 353129/12

© Direção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura


**ROBERTO
DE MESQUITA**

Personalidades

**ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES**